

trouxemos aqui, o professor quando o senhor falava aí, me fez voltar tempos atrás, quando minha mãe me mostrou uma foto minha quando eu era criança, debaixo da ponte ali, próxima da Linha Vermelha, na ilha do Governador. Por isso nós hoje estamos aqui lutando para que os jovens e as crianças de hoje não venham a ter a mesma frustração que eu tenho hoje, de passar ali na Linha Vermelha e ver aquela coisa horrível ali embaixo.

Eu quero aqui mostrar a minha insatisfação com a Petrobras, uma empresa tão importante, que também foi convidada para poder estar aqui, acho que ela era a principal, vamos dizer assim, deveria estar aqui e não veio. Falou que só tinha uma pessoa que aqui poderia representar, está o capitão aqui, tenho certeza de que tem outras pessoas que poderiam representar. O senhor, de repente, se não pudesse, tivesse um outro compromisso.

Quero aqui agradecer ao secretário de meio ambiente de Arraial do Cabo pela presença que outros... Quero mandar um abraço para o prefeito Renatinho, outros prefeitos foram convidados, infelizmente não vieram nem mandaram nenhum representante, e isso é lamentável.

Eu quero fazer algumas perguntas ao senhor. O senhor vai fazer uma apresentação também, se o senhor puder responder, se o senhor foi avisado pela Petrobras por esse vazamento? Qual foi o apoio dado pela Petrobras? Eu naquele dia eu vi realmente, eles estavam recolhendo todo o material, mas posteriormente, se existe algum plano de emergência e se existe algum relatório feito. E se o senhor sabe me informar que o Ibama... Também não tem ninguém, o presidente do Ibama, o valor da multa que foi aplicada à empresa.

O SR. ARLDO MENDES - Deputado Marcelo, eu fiquei muito... Muito contemplado com suas perguntas, porque praticamente é a minha fala. Então, eu gostaria de, se permitir, ao responder, ao fazer a minha apresentação, eu acho que eu consigo responder parte das suas perguntas, e se algumas delas ficarem sem resposta, o senhor me refaça que eu coloco no momento da fala.

O SR. PRESIDENTE (Marcelo do Seu Dino) - Agradeço.

O SR. ARLDO MENDES - Pode ser neste momento?

O SR. PRESIDENTE (Marcelo do Seu Dino) - O senhor fique à vontade.

O SR. ARLDO MENDES - Primeiro, eu queria dizer da minha alegria de estar aqui. Agradecer ao deputado Marcelo pela oportunidade de nós estarmos tratando na Alerj sobre esse assunto. Agradecer ao deputado Bernardo companheiro lá de Cabo Frio e ao deputado Serginho, que se ausentou, pela preocupação com a região; ao nosso comandante da capitania, que tem participado do nosso grupo de reuniões pós-emergência; ao representante do Inea, Fernando, que também tem participado das nossas reuniões para emergência. Quero saudar o meu companheiro Ricardo Marcelo, que é das emergências ambientais do Inea, foi um personagem importantíssimo no instrumento da defesa do combate que nós tivemos, lá, no primeiro momento.

Queria pedir a gentileza que a gente visse - antes da minha fala - algumas imagens. Eu tenho algumas fotos, porque o nosso tempo é curto e um relatório muito completo técnico é muito complicado. Optei em trabalhar com fotos. A gente vai ver as fotos. Vamos passar as fotos, porque eu acho que poucas foram as pessoas que tiveram a oportunidade de entender o que aconteceu. Então, eu quero colocar as fotos. E aí em algumas delas a gente vai parar para poder falar um pouco.

Esse momento aqui é o início do trabalho. É praticamente o dia seguinte. Nós, no primeiro dia, numa terça-feira - vale a pena dizer que eu assumi a secretaria numa segunda-feira, dia 1º de abril. No dia 2 nós estávamos na praia. Já na Prainha, de Arraial do Cabo - que essa praia da entrada da cidade -, porque chegaram as primeiras manchas de óleo. E aí nós tivemos uma ação que foi uma reunião na própria terça-feira onde nós agregamos o Inea da região, Capitania dos Portos, o ICMBio, a Marinha, o Inea da Emergências Ambientais. O ICMBio, que é ligado ao Ibama, trouxe o Ibama.

Até o evento era Arraial do Cabo. Não tínhamos ainda nenhuma pelota em Búzios e nem em Cabo Frio. As pelotas estavam em Arraial do Cabo. Nós fizemos uma reunião na terça-feira à noite na sede do ICMBio com todos esses órgãos e todas as Secretarias do município.

Essa é uma foto do primeiro dia.

Montamos uma ação para o primeiro dia. Aí não tem Petrobras. Aí não tem nenhuma outra equipe técnica: são profissionais da Fipac, que é Fundação Instituto de Pesca; do Idac, que é o serviço público local; a nossa equipe da secretaria e da Guarda Ambiental, mais os técnicos do Ibama, do Inea, do ICMBio. Nós mudamos no dia seguinte - essa foi a decisão -. Na quarta-feira nós instalamos a nossa secretaria e o gabinete de crise, com todos esses órgãos na Prainha. Aqui acima um pouquinho aqui tem uma tenda que foi montada. As secretarias se mudaram para lá. Querida aproveitar para agradecer a esses órgãos, nesse momento, se uniram ali nas suas representações e montamos ali o escritório de crise. O Ricardo se mandou do Rio de Janeiro foi para lá. Ficou com a gente. Não tinha onde ficar, porque era para ver. Ele resolveu ficar. O Fernando já estava lá. O Ibama foi com todas as ações. E aí a gente conseguiu iniciar um processo de combater o óleo que estava lá. Era muito complicado, porque quando a gente fala de óleo a gente tem uma ideia do óleo mais refinado um pouco, que é o óleo que já vazou algumas vezes e que já chegou em algumas incidências. Esse óleo era completamente diferente porque era um óleo bruto, não é um óleo refinado; era um óleo bruto, petróleo bruto, e isso começou a nos preocupar muito porque era um petróleo bruto. Interessante é que ele não atrapalhou a balneabilidade das praias; o que atrapalhou foi que ele pegava na pele e essa pegada na pele só saía, depois a gente ficou logo sabendo, com óleo de cozinha ou óleo vegetal. Mas não atrapalhou a balneabilidade; ou seja, ele não se misturou com a praia de maneira a deixar as praias não balneáveis. Eram pelotas; esse óleo não era um óleo que ficava espalhado ali, não, eram pelotas de óleo.

O SR. PRESIDENTE (Marcelo do Seu Dino) - Mas chegou a irritar a pele de algumas pessoas.

O SR. ARLDO MENDES - Irritação da pele sim, é isso que eu estou falando. Mas, eu digo assim, a contaminação da água diretamente não aconteceu, mas sim a irritação da pele. Por esse motivo nós isolamos a Prainha, você pode ver que não tem ninguém na praia nesse dia; nós isolamos a prainha e as outras praias, que é Praia do Pontal, por exemplo, também, a Praia do Forno. As outras praias que tiveram acesso ao óleo nesse dia e no dia seguinte ficaram isoladas, não por conta de estarem poluídas com óleo como algumas emissoras divulgaram, e sim para que evitasse que as pessoas tivessem contato ali e tivessem problema.

Bem, isso daqui são os nossos técnicos avaliando o óleo que tirou. Esse detalhe é que, por exemplo, o óleo inicialmente a gente começou a recolher e colocar nessas sacolas, e ele derretia completamente essas sacolas. É isso que a gente está vendo ali, ou seja, sacolas eram derretidas, não suportavam em hipótese nenhuma o óleo que era colocado nela; ele comia completamente as sacolas. Aí é para vocês terem uma ideia de como ficaram as nossas praias, porque naquela imagem inicial que vocês viram as praias já estavam limpas, a gente já tinha, desde 6 horas da manhã, equipe trabalhando, limpando, tirando. E é isso que nós encontramos, as praias completamente lotadas, com essas pelotas de óleo; impraticável para a permanência das pessoas na praia. Não dava para poder andar na praia sem a gente pisar nessas pelotas.

Essa daqui é a foto do final do primeiro dia, e o que tem aqui? Tem uns barraqueiros ali, e essa é a Prainha, do Pontal do Atalaia. Tem a nossa equipe da secretaria, tem a equipe do Inea, tem a equipe da Fipac; não tem Petrobras, não tem uma equipe técnica de alto porte, não tem isso. O combate foi nosso, pescadores, barraqueiros, quiosqueiros e equipe da prefeitura, do Inea e do Ibama; e mais a equipe da secretaria.

Aí está começando entrar na parte que a gente queria que eu queria falar, que é a parte do mar. O óleo que veio no mar foi recolhido pelas nossas embarcações. O que nós fizemos no dia seguinte? A gente identificou que tinha uma área, que é a área conhecida como Saco do Cherne - para quem não conhece a região, Saco do Cherne é como se fosse uma bacia que entra para pedra - e aquela área nós tivemos a sorte, a felicidade - vocês vão ver o ta-

manho da mancha - das principais manchas encostar em no Saco do Cherne e ficarem ali, meio que contidas, essa é a palavra, ali no Saco do Cherne. Isso é um problema sério porque os pescadores não conseguiram pescar, mas uma solução, porque nós não tivemos também isso tudo na praia, tendo uma dificuldade maior para poder recolher. E nós mobilizamos três embarcações de pesca, mais a nossa, da Guarda Ambiental, para fazer esse processo de retirada, e começamos a fazer esse processo de retirada com os instrumentos que tínhamos. Olha a situação que ficou as embarcações dos nossos companheiros de pesca, que nós... Que se envolveram com a gente, mais as nossas embarcações. Olha o que aconteceu com as embarcações! Foi uma situação de guerra porque a área... A gente estava lá, tinha que fazer, tinha que tirar. Eu quero que vocês prestem atenção nesse puçá aqui, esse puçazinho ali. Ali, dentro da... Isso é um latão de lixo, gente. Ele vazou. Quando a gente tirou ele, que colocou na marinha, para poder botar no lixo, ele já estava... De tirar do mar e transportar para ali, ele já estava vazado porque comeu. Ele foi comido pela... E a gente não sabia exatamente o que a gente estava lidando. Nós estávamos combatendo um problema que chegou, o óleo que chegou e, até então, nossa experiência era com um tipo de óleo que é um óleo menos agressivo, vamos dizer assim, do que esse óleo mais bruto - vamos colocar dessa maneira. Esse puçá, que foi o que nós começamos a usar para poder tirar do mar e jogar para ali, ele queimou todo, na realidade, derreteu todo. Então, a gente não tinha mais puçá no fim do dia, tinha que usar outro puçá.

Aí, a gente numa ação mais específica. Vamos chegar na mancha lá. Aí, a gente já está vendo a mancha no mar, mas tem uma foto maior da mancha lá. Esse é o Saco do Cherne. Aí, é uma tentativa de tentar segurar um pouco a mancha para ela não sair do Saco do Cherne. A maré virou e a gente, na realidade, parece loucura, mas a gente queria manter a mancha no Saco do Cherne. Se a gente tirasse ela, deixasse ela sair dali, a gente não sabia onde ia tratar ela mais. Esses três dias fomos nós sozinhos, que eu digo é sem Petrobras. Essa é a colocação. Nós, o restante das outras equipes todas, mas sem Petrobras. Essa foto aí mostra por que, na realidade... Ela desce. Ah, por que que essa mancha não foi muitas vezes vista por cima? Porque ela desce. Aí, a gente bateu as fotos subaquáticas, como as anteriores. Aí, só para entender que ela está aí, no fundo do mar, na realidade. Ela está lá embaixo.

Então, você não vê ela por cima porque ela já virou uma pelota e ela desceu. Ela está lá embaixo. Ela fica ali, daqui a pouco a maré vira, ela joga na areia novamente. Foi um trabalho de enxugar gelo durante alguns dias. Isso, para nessa daí só para a gente ter uma ideia, mais uma vez, só da extensão do nosso problema. Essa daí foi depois da limpeza. Na quarta-feira, já depois da limpeza, no fim do dia, ela já estava assim de novo. Ali, aquela foto que eu mandei na quarta-feira, é quarta-feira, dia 13. Vamos entender que começou no dia 3. Aquela última foto da praia toda suja de novo são 10 dias depois, na quarta-feira do dia 13. Por quê? Porque a gente limpou e você limpava e ela voltava para a praia e a equipe tinha que estar limpando de novo.

Então, 10 dias depois, nós estamos na praia, ainda, limpando. Aí, sim, já, com o apoio da Petrobras. Esta é a principal mancha, mas nós tínhamos aí 3 manchas desse tamanho e, pelo menos, mais umas oito manchas menores. Isso daí é um tamanho considerável. Dá para vocês verem pela área da pedra ali e isso é grande porque, olha só, você tem essa parte mais grossa, mas olha todo o entorno aqui. Isso que está mais submerso um pouquinho, mais abaixo um pouquinho, é tudo mancha. Só para a gente finalizar, enfim, só para a gente ter uma ideia do que que a gente está falando, do que foi enfrentado. Essa daí está pequena, mas essa daí é impressionante.

Indo para as perguntas do deputado, nós tivemos algumas experiências positivas, como o poder de nos articular à União de todos esses órgãos, não da Petrobras, no combate ao óleo. Qual a questão da Petrobras? A Petrobras comunicou, não comunicou, deixou de comunicar, vamos entender um conceito em relação a de que óleo estamos falando. Esse óleo é oriundo do Campo de Marlin. A Petrobras não comunicou? Não, perai, vamos entender. A Petrobras comunicou há um mês, quando elas identificaram essa mancha lá, próxima a uma plataforma. Eles comunicaram que estavam combatendo uma mancha grande lá no mar próximo à plataforma. Combateram no mar e deram o incidente como resolvido. Tecnicamente foi isso; e aí não se estava investigando a fonte. Quando nossos pescadores identificaram essa mancha e não deu tempo de vir para cá, a gente começou a combater, informou à Petrobras: tem óleo aqui, é seu? Vem, não vem, informamos ao Ibama, informamos a todo mundo, trabalhamos o combate. Alguns dias depois, no terceiro dia à tarde, chega a notícia: achamos que pode ser nosso. No quarto dia. Aí, chegou tanta coisa! A gente que tinha um puçazinho, tinha agora uma megaoperação para poder tirar. Chegou tanta coisa que meu problema foi: onde é que eu guardo tanto barco? E a gente, que não tinha um barco, passou a ter uma pancada.

De manhã, a gente falou: bem, o óleo é da Petrobras, não temos dúvida. Ela pode demorar um dia, dois, três para dizer que é, mas, com toda essa infra, o óleo é da Petrobras. E aí a gente teve todo um aparato para começar um processo de recolhimento, tratamento e atendimento a isso. A partir daí, não tenho nada a reclamar da Petrobras. A partir do quarto dia, a Petrobras foi exemplar. Só que ficamos três dias combatendo o óleo sozinhos, sem informação prévia de que o óleo que foi combatido na plataforma poderia chegar em nossa cidade - em Búzios o óleo chegou com mais intensidade no terceiro ou no quarto dia; em Cabo Frio, dez dias, oito, sete dias depois. Arraial do Cabo sofreu muito porque todo óleo praticamente chegou lá, não só na praia - na praia com uma intensidade grandiosa, e no Saco do Cherne e nas nossas encostas, que são áreas de pesca. Fomos impactados de maneira grandiosa. O deputado teve oportunidade de ir lá, não dava. Nós fechamos a praia porque não dava para as pessoas andarem na praia. Mesmo que fosse permitido entrar na água, mas não dava para as pessoas entrarem na praia. E Arraial do Cabo é uma cidade que vive do turismo, vive das suas praias. Precisar fechar durante três dias as suas três principais praias significa reserva cancelada, restaurante fechado, uma série enorme de prejuízos, sem considerar o prejuízo da pesca, os prejuízos mais diversos que a cidade teve. Tivemos uma dificuldade muito grande com toda essa situação. Para a gente ainda está sendo traumático, porque tem sido um aprendizado. Tivemos aí, doutoras... Nós tivemos uma participação efetiva do Ministério Público Federal - Arraial do Cabo é uma reserva extrativista marinha federal e é um parque estadual, que é o Parque Estadual Costa do Sol e também é reservas e APAs, quase em sua extensão toda municipal. Quase toda Arraial do Cabo é uma unidade de conservação, de acordo com o nível lá. E nós tivemos a participação muito efetiva do Ministério Público Federal, e até do Ministério Público Estadual, mas o Ministério Público Federal foi para uma ação muito efetiva no enquadramento da Petrobras, no sentido de colocar a Petrobras na mesa e de cobrar de forma mais direta que esse atendimento, esse acompanhamento pudesse ser é mais efetivo. Então vale a pena a gente deixar como um registro. A própria Petrobras nunca tinha combatido esse tipo de óleo, na praia. Esse tipo de óleo eles combateram no mar. Na praia, esse tipo de óleo, que é o óleo mais bruto, as especificações técnicas estão nos relatórios, eles não tinham combatido na praia, não tinha chegado na praia, eles combateram no mar, sempre, esse óleo. Foi para eles também, já treinaram muito para isso, - estou repetindo a palavra dos técnicos deles - mas foi a primeira vez que eles tiveram a experiência de combater esse óleo também na praia, que caiu na praia. Infelizmente, foram nas nossas praias. Mas isso nos levou a alguns diagnósticos prévios com a Petrobras - eu acho que eu estou conseguindo ir respondendo, a minha tentativa é ir respondendo às perguntas. Por exemplo, relatórios: nós temos relatórios do nosso período dos três meses, dos três dias, sem Petrobras e, aí, com todos os outros órgãos. E temos relatórios dos dias pós Petrobras diariamente também. Ou seja, isso eles não... Nós temos relatórios diários, técnicos, o acompanhamento disso, com o acompanhamento do Ibama, que é o licenciador, também, com toda essa questão. Nós temos um acompanhamento diário. Foram estabelecidas reuniões periódicas com todos esses órgãos, mais a Petrobras, que tem acontecido, começou acontecendo uma vez por semana. Nos primeiros dez dias, todo dia; depois, uma vez por semana, e agora tem acontecido de quinze em

quinze dias reuniões periódicas com os secretários da região e com a representação dos outros órgãos, da região também, com a Petrobras, porque a gente está entrando na fase de fechamento do relatório. Aí nós teremos o relatório final de tudo isso.

A parte de cobrança, da responsabilidade direta: o Ibama é quem tem a responsabilidade de multar. Nós temos acompanhando com o Ibama, e o Ibama acompanhando com a gente, e com esses relatórios todos, cada um desses passos. Mas o relatório interno do Ibama ainda não foi fechado, para a questão da geração do valor da multa. Isso, a gente ainda não tem essa informação, porque, segundo o que me consta, essa multa ainda não foi aplicada - não que ela não será, mas é porque ainda tem alguns fechamentos de relatórios técnicos sendo feitos e inclusive que tipo de atendimento a Petrobras está dando, junto com... Que agora foi... Nós temos dois documentos sérios que a Petrobras já assumiu. Um, o tratamento do costão rochoso. Nós temos um costão rochoso, uma série de situações, e é muito complicado trabalhar no costão rochoso todo, então, precisou contratar uma especialização, uma universidade e especialização, e junto com o IAPM(?), para poder fazer todo um tratamento no costão rochoso, o que é muito complicado. Um outro problema que a gente está tendo é que a área de Arraial do Cabo tem um cultivo de ostras, de vieiras, e a gente inclusive teve a comercialização das ostras e da vieira cancelada durante o período, e estamos brigando, porque que a gente já consegue entender que não tem mais motivo para esse cancelamento, mas estamos brigando no Ministério Público - por favor! - Defensoria, a gente tem conversado com o nosso pessoal, também lá da Defensoria Federal. Não temos motivo mais para termos os órgãos de controle alimentar proibindo a comercialização da nossa vieira. Isso tem gerado um prejuízo grande, que tem gerado ao nosso município. Dentro dessa linha, a gente tem essas duas ações, uma delas é essa pesquisa sobre o nível de interferência que pode ser, ou não, nesse ambiente marinho, no peixe, na vieira, essa pesquisa a Petrobras também já está bancando, já está realizando para poder disponibilizar para que a gente possa ter essa tranquilidade.

Outra ação prévia, independente das multas e danos que a Petrobras terá que assumir, o que foi muito bem conversado com os secretários, a Petrobras e o Ministério Público Federal, que é questão de seguinte, nós combatemos para Petrobras o óleo que é dela sem termos estrutura para poder fazer esse combate, então, ficou predefinido que a Petrobras estará realizando treinamento de todas as guardas ambientais de Arraial do Cabo, Cabo Frio e Búzios; e ajudando no equipar dessas guardas e no instrumento para poder fazer essa. Essas são ações da Petrobras. E não cabe aos municípios as multas, mas o enquadramento da Petrobras no sentido de compensação por danos ao ambiente e ao social da cidade. Essas são as ações que a gente prevê, dentro dessas questões para a frente.

Não sei se consegui responder todas as perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Marcelo do Seu Dino) - Não sei, de repente, passou que eu estava lendo alguma coisa. Os valores aplicados serão destinados para que fins?

O SR. ARLDO MENDES - Esta é outra questão. Em situações anteriores órgãos aplicaram multas e o município no final não teve nenhum retorno com isso. Então, a nossa briga hoje, "o Arildo é chato", sou chato mesmo. Nossa briga hoje é a seguinte: Ibama, quero saber tudo; ICMBio quero saber tudo; Inea, estão aqui os companheiros do Inea, quero saber tudo, porque a gente quer fazer como, município, junto. Porque, senão, questão Chevron, outras questões, o município, no final, não tem um centavo. O Ibama teve recurso, o ICMBio teve recurso, tal estrutura teve recursos e o que veio? Tem cinco milhões. A gente tinha uma reserva extrativista marinha, o ICM-Bio tem toda a importância nisso, mas a gente tem cinco milhões da Chevron para o ICMBio. Certo? E para o município? Nenhum centavo.

Então, esse tipo de postura a gente realmente precisa que cada uma dessas questões tenham a participação direta do município, que fica com o ônus, com problema para administrar no final. Nenhum prejuízo direto. As pessoas pisaram, sim, no óleo, temos até fotos aqui, que apareceram, se não me engano, esse óleo é retirado com óleo de cozinha e não houve nada que desse hospital. Ninguém precisou parar no hospital por conta disso. Dá uma leve irritação e a retirada do material, com o óleo de cozinha, solucionou o problema. Não houve nenhuma sequelas apresentadas, que tenhamos conhecimento. Ele é muito mais agressivo, interage muito mais com outros instrumentos, como materiais plásticos, por exemplo, do que diretamente na pele humana.

Estou reproduzindo as informações técnicas que recebi.

O SR. PRESIDENTE (Marcelo do Seu Dino) - Olha só. Deixe-me pedir uma coisa aqui, porque temos que encerrar às 14h59. Tem a sessão e não é permitida audiência pública no horário de sessão. Vou pedir para que sejam o mais breves possíveis os próximos oradores, depois tentamos abrir para os demais. Eu agradeço.

O SR. ARLDO MENDES - Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Marcelo do Seu Dino) - Pelo que vi aqui, na realidade, se não fosse como sempre a prefeitura, seria bem mais complicado. Lamentavelmente, eu trabalhei na Petrobras e sei que ela é bem rígida com relação à segurança, mas sempre existem esses contratados. E, pelo que vi, faltou uma ação imediata, independente de ver quem é o responsável ou não. Essa é uma coisa que tem que ser apurada e rever essa situação.

Vou passar aqui para o Ricardo Marcelo, do Inea.

O SR. RICARDO MARCELO - Boa-tarde. Quero agradecer a Deus por estarmos aqui presentes e depois esse convite a todos. Esse foi um fenômeno que enfrentamos que assustou. Nossa primeira comunicação foi através da nossa superintendência, do nosso escritório regional lá. As imagens eram jocosas: gente contaminada de óleo com o barril vendendo. Vocês podem procurar isso no Facebook assim: vende-se petróleo em Arraial do Cabo. Aí, você pensa: caramba, deve ser brincadeira. Não. Realmente, a quantidade de óleo era enorme. Como equipe de emergência, temos como premissa ir ao local averiguar o que está acontecendo. Fomos e encontramos crianças brincando com baldinho de óleo, aquele baldinho de areia, enchendo a mão e botando assim. Aquela confusão do que é, o que não é, se o material é tóxico ou não.

Felizmente, temos um comandante de incidentes, como o secretário Arildo, que soube dominar. E aí, até peço ajuda aí aos nossos doutores. Salvo melhor juízo, a tutela do meio ambiente é coletiva, é responsabilidade de todos. E temos o princípio do poluidor pagador: quem fez tem que correr atrás de reparar. Independente de multa, ele é obrigado a reparar os danos. Certo? Só que, nesse caso, quem fez? Ninguém sabia. Vimos óleo, vimos petróleo e imaginamos Petrobras. O cenário futuro é pior, porque teremos outras operadoras. E, num cenário desses, você vai ter que ligar para dez, 15 empresas de petróleo para saber de quem é.

Então, chegamos lá no primeiro dia, contamos com o apoio - como o secretário falou -, todo o apoio da prefeitura, toda estrutura foi municipal. Toda. Nós estávamos ali apenas orientando tecnicamente, com algumas respostas, técnicas de repostas, o que fazer, o que não fazer, como destinar aquilo ou não. Mas sem essa estrutura sinérgica que nós tivemos ali na prefeitura, entre todos os setores, acho que mobilizamos várias secretarias ali - defesa civil, limpeza urbana -, e aí, envolvemos, no primeiro dia, ICMBio, conseguimos envolver eles lá no escritório regional e conseguimos fazer uma primeira resposta. No dia seguinte, o Ibama esteve presente e falou: vamos notificar a Petrobras a recolher o óleo e fazer um teste. Nem essa infraestrutura nós tínhamos. A Petrobras veio, no dia seguinte, recolheu, e no outro dia, como disse aqui o secretário... Aliás, a informação foi a seguinte: vende-se um campo de exploração em Marlin Leste. Quem opera em Marlin Leste? A gente. Bom, é de vocês? Não. Não sabemos. E o cenário realmente foi esse: uma mancha de óleo, que é comunicada aos órgãos ambientais estaduais e federais, aos municipais não - vamos falar especificamente sobre comunicação de emergência não -, comunicaram essa mancha de óleo dias atrás e depois parou a comunicação. Beleza. A mancha de óleo é só falar: teve uma mancha de óleo na Bacia de Campos. Dias depois, vai aparecer esse óleo. Até então, a gente saber qual era da Petrobras, foi denúncia de rebocar; foi denúncia de alguém lavando o casco; mil denúncias. Enquanto, na verdade, a responsabilidade estava lá e tinha sido comunicada. O que aconteceu com essa mancha de óleo que estava lá no